

# PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE *BÍOS* MIDIÁTICO

Abel Reis\*

## Resumo

Apresentamos uma análise do instigante conceito de *bíos* midiático, introduzido por Muniz Sodré (2002), que procura evidenciar alguns de seus aspectos que consideramos problemáticos: de um lado, no que diz respeito à sua raiz conceitual em Aristóteles; e por outro, no que tange a uma visível superposição com o conceito de ideologia na tradição marxista.

## Palavras-chave

Comunicação e Cultura - Teoria da Comunicação - Sociedades midiáticas

## Abstract

We made an investigation about an inspiring concept, conceived by Muniz Sodré (2002): the '*bíos* midiático'. Our analysis try to make evident some troubling aspects of that concept: one aspect, regarding to its conceptual basis that refers Aristotle; the other one, about the its clear overlapping with the Marxist's concept of ideology.

## Key Words

Communication and culture - Theory of Communication - Media societies

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de *bíos* midiático, introduzido por Muniz Sodré (2001; 2002), embora instigante, oferece, na prática, restrita aplicação para análise e compreensão do processo de midiaticização das sociedades contemporâneas. O presente artigo propõe-se a mapear o escopo desse conceito para, em seguida, problematizá-lo a partir de dois ângulos: o primeiro, a partir de sua tênue ligação com a noção aristotélica original de *bíos*; o segundo, explorando a interseção do conceito de *bíos* midiático com o tradicional conceito de ideologia. Acreditamos dessa forma explicar por que esse conceito, à primeira vista instigante e promissor, flutua sem uso efetivo nas agudas análises de Sodré sobre o fenômeno das mídias.

## 2 O CONCEITO DE *BÍOS* EM ARISTÓTELES

A vida é uma atividade, e cada um é ativo em relação às coisas e com as faculdades que mais ama. Aristóteles (1979, 224:1175a).

O Homem está à procura de quê? Com que finalidade age o ser humano? Aristóteles apre-

sentou sua resposta na *Ética a Nicômaco*: a *eudaimonia*<sup>1</sup>, ou felicidade. Os homens estão em busca do bem viver na *pólis* em conformidade com as virtudes da natureza humana – morais e intelectuais – e assistidos por condições exteriores favoráveis, como a saúde, a beleza ou a riqueza. Aristóteles diz-nos, por sinal, que a ausência dessas condições favoráveis “empana a felicidade”, uma vez que “é impossível, ou pelo menos não é fácil, realizar atos nobres sem os devidos meios” (Aristóteles, 1979, 58:1099b).

As virtudes morais, de um lado, constituem-se numa disposição do caráter na busca racional pela *mediania*, ou seja, pela justa proporção entre falta e excesso. Por exemplo, a coragem é o ponto de equilíbrio entre a covardia e a temeridade (Aristóteles, 1979, 90:1115a). As virtudes morais desenvolvem-se nos homens por meio do hábito (*ethos*<sup>2</sup>), da *práxis*<sup>3</sup> recorrente, pois, afinal, é “realizando atos de coragem que nos tornamos corajosos”. Já as virtudes intelectuais (dianoéticas) – *phronesis* e *sophia*<sup>4</sup> –, por sua vez, são desenvolvidas pela instrução e constituem condição necessária (embora não suficiente) para a ação humana, posto que orientam os homens na procura do bem por meios idôneos (REALE, 2002, p.418).

Porém, Aristóteles constata que entre os homens, desde o vulgo até o sábio, não há consenso sobre o que seja a felicidade. Isto o leva a caracterizar o que acredita serem os três principais modos de vida (os *Bíoi*), conforme os fins correspondentes à felicidade: (i) *bíos apolaustikos*, a que amam aqueles, como os vulgos, os escravos e também pessoas destacadas, que identificam a felicidade com o prazer, o gozo do corpo (Aristóteles, 1979, 52:1095b);

(ii) *bíos politikós*, ao qual se orientam pessoas de “grande refinamento e índole ativa [que] identificam a felicidade com a honra”, buscando, pelos outros, o reconhecimento de suas ações (Aristóteles, 1979, 52:1095b); por fim, (iii) o *bíos theorétikós* ao qual estão voltados os filósofos<sup>5</sup>, aqueles que identificam felicidade com a atividade contemplativa (*theoría*) da verdade, um modo de vida “que possui em si algo de divino” (Aristóteles, 1979, 90:1177b), um modo de vida dedicado ao estudo de objetos e seres que existem independentemente da vontade e da ação dos homens.

*Bíoi* são domínios de atividades onde os indivíduos agem motivados e dotados de racionalidade (*lógos*) em direção a um fim que identificam. Nosso “para quê” (*ergon*) é a vida racional. Isso nos distingue dos animais não-humanos. Por essa razão, para Aristóteles, o *bíos apolaustikos* é desprezível: ele nos equipara aos animais que têm seu *ergon* na vida de percepção (Achtenberg, 1989).

Podemos, então, a partir dessas considerações – e apoiados na arguta análise de David Keyt (1989) –, destacar duas observações acerca da noção de *bíos* em Aristóteles.

### O SIGNIFICADO DE BÍOS

Keyt (1989, p.15) destaca que Aristóteles emprega em suas obras<sup>6</sup> dois termos que por vezes são intercambiáveis: *bíos* e *zōi* (*zoi*). Com efeito, ambos podem ser traduzidos como ‘vida’<sup>7</sup>. Contudo, há boas razões para acreditar que esses termos não são exatamente sinônimos. Por exemplo: Aristóteles (1979, 56:1098a), refere-se à “*zōi* de nutrição e crescimento” ou à “*zōi* de percep-



ção’ quando procura separar o que é comum à vida de plantas e animais, do que é peculiar aos homens. Já em outras passagens indicadas por Keyt (1989, p.17), Aristóteles fala de ‘*bíos* nomádica’, ‘*bíos* militar’, ‘*bíos* tirânica’. Conforme ressaltado por Keyt (*apud* Hobuss, 2004, p.28), a palavra *bíos* pode tanto significar a vida total de uma pessoa, como uma fase ou somente um aspecto particular da vida. Por estas razões, parece legítimo considerar, como o faz Keyt

(1989, p.17), que *zōi* tem uma acepção mais ‘essencial’, que se refere a “diferentes expressões de vida”, e *bíos* refira-se a atividades corriqueiras ou mesmo a carreiras.

### A RELAÇÃO ENTRE OS BÍOI

Aristóteles (1979, 96:1118b) considera o *bíos apolaustikos* uma vida animalizada, de sensações, na qual a razão encontra-se ausente e onde a intemperança “nos domina não como homens, mas como animais”. Porém, Aristóteles crê que esse ‘modo de vida’ seja suplantado pela instrução e pela *práxis* virtuosa. Vale dizer que nascemos animais, mas nos humanizamos.

O *bíos politikós* aparece como o domínio do propriamente humano e o *bíos theorétikós* como oportunidade de aproximação ao divino. Ambos os modos de vida mostram-se domínios de virtuosidade que podem mesmo relacionar-se. Keyt vê claras indicações dessa compreensão em Aristóteles que parece pensar a Política como uma atividade à qual o Filósofo não pode renunciar “enquanto homem que vive no meio de outros homens” (1979, 230:1178b).

### 3 Conceito de Bíos Midiático

A substancialidade orgânica do ultra-humano é feita de informação e capital. Muniz Sodré (2002, p.77)

O conceito de *bíos midiático* foi proposto por Muniz Sodré como ‘chave de compreensão’ dos fenômenos de mídia (linear ou reticular), en-



---

tendida esta como geradora de um real próprio, simulado ou virtual (2001, p.73). O conceito mostra-se com certeza provocativo, quando menos por trazer consigo uma rica discussão sobre a eticidade mercadológica implicada na mídia contemporânea (2002, p.60). Contudo, antes de avançarmos na apresentação do novo conceito, trataremos rapidamente de outro, o conceito de **mediatização**.

#### **MIDIATIZAÇÃO**

Sodré (2002, p.21) apresenta-nos a idéia de que a emergência da mediatização é, por um lado, sintoma de uma “tendência à virtualização ou telerealização das relações humanas” e, por outro, uma classe de mediações, social e historicamente inscritas, viabilizadas por aparelhos institucionalizados (ex.: família, escola) e por meios técnicos que atuam como próteses da realidade sensível. Trata-se, pois, a mediatização, de uma tecnologia *societal*, regida pela lógica mercadológica das organizações de mídia e “grávida” de determinada hegemonia ético-política.

Contudo, essas próteses midiáticas não são simplesmente extensões ou complementos, afirma Sodré (2002, p.22). Elas demarcam, por assim dizer, espaços de possibilidades no interior dos quais vigoram ordenamentos estéticos, cognitivos, éticos e políticos que conferem sentido às mediações, (re)produzindo um estilo de vida particular e articulando o que Barbero (2003, p. 206) vem a chamar de uma “gramática de produção”<sup>8</sup>. Neste quadro, as mediações sociais adquirem novo caráter: o de interpelação permanente de indivíduos pelos meios e seus dispositivos técnicos, que vemos chegar ao paroxismo com a Internet e as ferramentas digitais.

#### **BÍOS MIDIÁTICO**

É neste contexto que entra em cena a noção de *bíos*, recuperada da *Ética a Nicômaco* e da *Política* de Aristóteles. Sodré emprega essa noção aristotélica como base para formulação do conceito de *bíos* midiático ou virtual. Assim, descreve um modo de vida, uma “terceira natureza” (Sodré, 2002, p.51), um âmbito da existência humana onde predomina o *éthos* dos negócios – que na visão de Sodré fora, originalmente, desprezado por Aristóteles<sup>9</sup>.

---

*A mediatização é, por um lado, sintoma de uma tendência à virtualização ou telerealização das relações humanas e, por outro, uma classe de mediações, social e historicamente inscritas, viabilizadas por aparelhos institucionalizados e por meios técnicos que atuam como próteses da realidade sensível.*

---

Sustentado numa forma própria de cultura – a tecnocultura – o *bíos* midiático condiciona a experiência vivida (Sodré, 2002, p.23) forjando vinculações<sup>10</sup>, percepções individuais, cognições e “o que se tem convencionalmente designado como verdade” (2002, p.27). Sodré aponta assim que o *bíos* midiático tende a se descolar das relações sociais imediatas, tal qual uma “máquina semiótica simuladora do mundo” capaz de engendrar “abstrações simulativas” a partir da realidade sócio-histórica (2002, p.234). Sodré mapeia, ainda que de forma dispersa, as diversas e marcantes características dessa nova forma de vida, dita midiática. Compilamos aquelas que, a nosso ver, evidenciam o “estado de coisas” que o novo conceito procura sintetizar:

- **A virtualização das relações sociais humanas**, que se traduz na prevalência da forma, ou dos códigos, sobre os conteúdos semânticos (Sodré, 2002, p.23), na hiper-transitoriedade das condições de vinculação do ‘eu ao outro’ (2002, p.199) e pela simulação da ubiquidade humana (simultâneo, instantâneo e global). Assim, virtualizada, a realidade espectral das redes cibernéticas parece substituir a realidade histórica (2002, p.153);

- **“Esvaziamento” das mediações políticas** tradicionais (ex.: partidos) e das formas clássicas de canalização das demandas sociais. Há um fortalecimento da “performance imagística” de agentes e suas práticas de representatividade (Sodré, 2002, p.34). Neste contexto, importa o espetáculo midiático, em lugar dos conteúdos doutrinários;

- O agudo “**desencantamento**” do mundo decorrente da redução dos sentimentos em torno do indeterminado. As tecnologias atravessam as diferentes esferas da vida, minimizando os riscos da ação humana e aumentando o grau de controle e previsibilidade sobre a realidade (Sodré, 2002, p.77);

- Uma **nova moralidade objetiva** que, de um lado, enfatiza costumes e rotinas que se orientam ao consumo (“o mais novo”, “o melhor”) (Sodré, 2002, p.65) e, de outro lado, revela-se volátil, uma vez que seus valores oscilam em conformidade com os “interesses empresariais do momento” (2002, p.66). Em resumo: a “felicidade” (*eudaimonia*) decorre do ato voraz de consumir (2002, p.53);

- A **emergência de um *ethos* individualista** em que sujeitos qualificam-se existencial e socialmente à base da aquisição ou venda de bens, numa busca pela repetição infinita dos prazeres dos sentidos (Sodré, 2002, p.205). O indivíduo, em si mesmo, torna-se uma realidade midiática, tecnocultural (2002, p.37). Quem não segue as prescrições hedonistas, corre riscos de “ficar de fora” e ser punido com o rubor e a autocomiseração;

- A **emergência de um *ethos*<sup>11</sup> “elástico”** em que o sujeito torna-se flexível, moldável, tolerante, uma identidade sem ponto fixo, permeável às contínuas mutações econômicas e culturais (Sodré, 2002, p.152). Neste contexto, “renegociar (semioticamente) a identidade de si torna-se regra existencial no interior do processo generalizado de dessubjetivação” (2002, p.159).

Estamos diante de um quadro histórico do capitalismo avançado (o turbocapitalismo, como Sodré denomina) onde vigoram a produção informacional da realidade, a flexibilização do caráter humano, o esgotamento das práticas políticas tradicionais e a mercantilização das relações sociais. É desse quadro que o conceito de *bíos* midiático pretende dar conta.

#### **4 PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE *Bíos* MIDIÁTICO**

Ainda que o conceito de *bíos* midiático ocupe destacada posição na análise conduzida por Sodré (2002) acerca do papel das mídias na sociedade contemporânea, o autor oferece diferentes

aproximações – mesmo que parcialmente complementares – ao conceito, e não parece preocupado em alcançar uma única e rigorosa definição. Coligimos de Sodré (2002) as principais descrições e definições que enunciam o conceito:

- um novo modo de presença do sujeito no mundo (2002, p.24);

- um âmbito existencial onde predomina a esfera dos negócios (2002, p.25);

- uma nova forma de vida (2002, p.25);

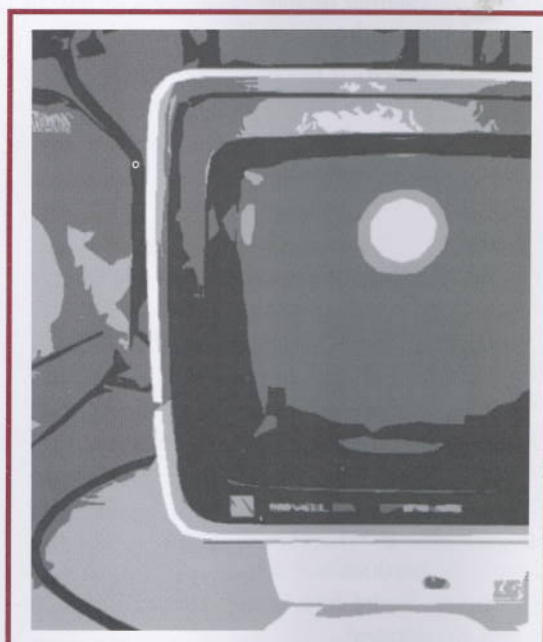
- a tecnocultura do quarto *bíos* implica uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental (2002, p.27);

- uma refiguração do mundo pela ideologia norte-americana (2002, p.28);

- uma nova moralidade objetiva compatível com a reforma cognitiva e moral necessárias à ordem do consumo (2002, p.51);

- uma forma de vida em estreita simbiose com a forma simples e abstrata do mercado, tecnologicamente organizada para a neutralização do conflito social (2002, p.219);

- o *bíos* midiático é um campo de ação social que



---

vem se instituindo através de práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas (2002, p.72);

- quarto *bíos* existencial que tende a se autonomizar das relações sociais imediatas por meio da abstração simulativa (2002, p.234);

- uma outra forma de vida onde o virtual tem mais peso fenomenológico do que as representações clássicas do real histórico (2002, p.239);

A partir desse conjunto de definições, acreditamos ter adequadamente delimitado o escopo do conceito de *bíos* midiático. Podemos, dessa forma, seguir na direção de problematizá-lo. Visamos asseverar a tese de que sua limitada aplicação, enquanto instrumento para análise e compreensão do fenômeno das mídias, decorre de dois fatores:

- a inadequação entre a noção aristotélica original de *bíos* e a extensão conceitual que Sodré promoveu, na tentativa de dar conta do fenômeno da midiaticização;

- a opção de Sodré por explorar o conceito de *bíos* midiático como dimensão ética e existencial humanas, descartando assim seu caráter de ideologia.

#### INADEQUAÇÃO À NOÇÃO ARISTOTÉLICA DE *Bíos*

A abordagem de Sodré ao *bíos* midiático apresenta-o como uma forma condicionante do vivido (2002, p.23), uma visão de mundo concretizada através do emprego intensivo das tecnologias da informação. O *bíos* midiático configura, pois, uma nova forma de ‘ser-no-mundo’, um novo modo de presença do sujeito no mundo (2002, p.24), cujos reflexos e esgotamentos são visíveis em todas as esferas da vida humana.

Esta aplicação da noção aristotélica de *bíos* é pouco aderente à noção original, conforme analisada por Keyt (1989). Efetivamente, Aristóteles não parece conferir nenhuma dimensão existencial ao conceito, mas simplesmente o emprega para referir-se a domínios de atividades, usualmente atribuíveis, segundo ele, a filósofos, a políticos e aos vulgos.

Aristóteles (1979, 52:1095b) não parece nem mesmo entender estes domínios como necessariamente excludentes: para ele não há como o Filósofo viver fora da *pólis*, bem como há polí-

ticos que também dedicam suas energias aos prazeres dos sentidos.

Sodré extrapola o sentido original do conceito de *bíos* em Aristóteles, mas termina enredado na sua limitação intrínseca. Não há “tratamento” possível, assim acreditamos, para o fenômeno da midiaticização a partir desse conceito, a não ser que se o redefina por inteiro; e, claramente, não foi este o procedimento de Sodré. Daí resulta que esse conceito, aparentemente promissor, na prática, se veja diluído na obra que o enuncia (Sodré, 2002). Ao procurar recursos e legitimidade teórica em Aristóteles, Sodré apóia-se em uma noção frágil e pouco desenvolvida (Tugendhat, 2003) que obviamente não lhe dá condição para uma ulterior e conseqüente análise do vivido contemporâneo – pelo menos não nos termos do *bíos* midiático. Com efeito, esta relativa ‘inadequação’ do conceito de *bíos* midiático, no corpo mesmo da análise desenvolvida por Sodré (2002), a nosso ver, de forma alguma a invalida; simplesmente porque faz emergir a questão, a nosso ver central, a da ideologia.

#### O *BÍOS* MIDIÁTICO COMO IDEOLOGIA

Um “fantasma” ronda o *Antropológica...* (Sodré, 2002): o conceito de ideologia. Muito embora a elaboração de Sodré pareça, por constrangimento ou convicção, ignorar o potencial de aplicação desse conceito (renegado nos dias de hoje), não há como ignorar importantes correlações. Contudo, vamos primeiramente às origens da abordagem de Sodré.

Terry Eagleton (1997) identifica, parte na tradição de pensamento de Jürgen Habermas, parte na de Jean Baudrillard, as raízes de um certo niilismo que vê na anulação da vida social, na exacerbação libidinal do consumismo, no esvaziamento doutrinário da política, e no predomínio das tecnologias, as bases do que denomina “hemorragia de significados”. Os sintomas dessa crise que atravessam a vida contemporânea são dramáticos e bem conhecidos: violência irracional, drogas e a procura pelos misticismos. Conforme esta visão, o turbocapitalismo, ao promover intenso esgotamento de significados, segue eliminando os “vestígios de subjetividade profunda” numa operação sistêmica que entroniza o “formalismo vazio do valor de troca” (Eagleton, p.45).

Por este ponto de vista, já não há lugar para ideologias; pois, se de um lado estas são

mecanismos de ocultação e falsa consciência, de outro, já não há realidade a ocultar ou sujeito constituído a iludir – restam na sociedade de consumo, apenas o simulacro, “o olho que vê e o estômago que devora”. É patente a influência dessa tradição, que decide renunciar ao conceito de ideologia, no pensamento de Sodré. Desta forma, torna-se explicável sua orienta o para um conceito alternativo ao de ideologia, que forneça um quadro conceitual para compreensão da emergente “forma de vida [que] em estreita simbiose com a forma simples e abstrata do mercado”, volta-se para a neutralizar o conflito social (Sodré, 2002, p.219).

N  obstante essa filia o intelectual, Muniz Sodré é um pensador latino-americano. E, como tal, não escapa à luta ideológica quando tenta compreender o conturbado processo de “refigura o do mundo pela ideologia norte-americana” (2002, p.28). Sucede, então, que suas aproxima es ao conceito de *bíos* midiático oscilam entre dois pólos: ora (a) como uma “forma de vida”, um sistema de crenças e práticas por meio das quais os indivíduos d o nexo   sua presença no interior das estruturas sócio-econ micas; ora (b) como uma “abstra o simulativa” ou uma “refigura o do mundo” a serviço do turbocapitalismo. Para ambos os casos, consideramos legítimas as seguintes inferências:

- o *bíos* midiático mant m os indivíduos imersos numa falsa cogni o do mundo. Esses agentes não têm (e se a têm,   falsa) consciência dos mecanismos midiáticos pelos quais são inseridos num mundo em constante e acelerada refigura o (Sodré, 2002, p.26);

- o *bíos* midiático opera a partir das mesmas estratégias das ideologias, a saber, promovendo e naturalizando crenças, fabricando realidades (Eagleton, p.19), ordenando o imaginário social e produzindo silêncios (Chauí, 2004, p.175) (Eagleton, p.125).

Se as duas conclusões acima inferidas forem verdadeiras – e nada em Sodré (2001; 2002) parece-nos sugerir o contrário – então podemos sustentar que o conceito de *bíos* midiático, na verdade, intenta descrever uma forma o ideológica complexa, distintiva do quadro de hegemonia de classes do capitalismo hodierno. Forma o ideológica que, por sinal, perpassa diferentes esferas ou “instâncias” (como diria o fora-de-moda Nicos Poulantzas):  tica, est tica, política, jurídica,

econ mica e agora também tecnológica (Eagleton, p.139). Note-se que essas são também as esferas estudadas por Sodré (2002). E não se trata de mera coincidência: o *bíos* midiático  , ao fim e ao cabo, *ideologia* midiática; só que usando uma máscara, a de Aristóteles.

## CONCLUSÃO

Procuramos, no presente artigo, demonstrar que o conceito de *bíos* midiático, provocativo à primeira vista, revela-se pouco promissor como instrumento de análise e compreensão do fen meno das m dias. Com efeito, não parece casual o fato de que, apresentado no primeiro capítulo de *Antropológica...* (Sodré, 2002), o conceito praticamente desapareça no livro. Acreditamos que as razões para tanto são: (i) dependente da no o original aristotélica, o conceito mostra-se frágil e pouco vigoroso. Falta-lhe, por defeito de origem, alcance para tornar-se aplicável a um novo domínio de investiga o; (ii) o *bíos* midiático assemelha-se a uma ‘máscara’ que recobre (parcialmente) a face do conceito de ideologia. Ao dispensar este último, Sodré abre mão, por constrangimento ou convic o, de um poderoso legado teórico – particularmente de estirpe marxista – sem, contudo, oferecer substituto à altura.

## NOTAS

\* Doutorando em Comunica o e Semiótica, PUC-SP

<sup>1</sup> *Eudaimonia* significa felicidade, prosperidade e abundância de bens (Chauí, 2002).

<sup>2</sup> O termo admite duas vocaliza es, e conseqüentes significados distintos, no grego: * thos*, referindo-se a costumes ou hábitos; ou * thos* significando caráter, índole (Chauí, 2002, p.500). Ambas as acep es aplicam-se bem no presente contexto.

<sup>3</sup> *Práxis* significa ato, atividade. Aristóteles descreve a práxis como prática do sujeito, onde ato e resultado são inseparáveis. O fim é neste caso imanente   a o (Dumont, 2004, p.412). São exemplos as a es  ticas e políticas. Difere de *poiésis* cujo sentido é o de fabrica o de algo, e opõe-se ao *pathos* que significa, paixão, perturba o do ânimo causada por eventos externos (Chauí, 2002, p.509).

<sup>4</sup> *Phron sis* significa prudência, sabedoria moral ou sensatez, dizendo respeito a uma razão de ordem prática. *Sophia* significa conhecimento teórico na sua mais alta perfei o, ou seja, relativo   razão teorética (Chauí, 2002, p.509) (Reale, 2002, p.419).

<sup>5</sup> “É ele [o filósofo] de todos os homens, o mais caro aos deuses. E será, presumivelmente, também o mais feliz” (Aristóteles, 1979, 232:1179a).

<sup>6</sup> A saber: Parte dos Animais, Política, Ética a Eudemo, Ética a Nicômaco.

<sup>7</sup> É o que ocorre na tradução brasileira (Aristóteles, 1979), sobre a qual estamos trabalhando, e que foi baseada na versão inglesa de W. D. Ross (Aristóteles, 1999) que também não diferencia os termos.

<sup>8</sup> Barbero usa esse termo ao falar da universalização do modo de vida das classes médias americanas a partir da relação entre cultura e meios de comunicação (Barbero, 2003).

<sup>9</sup> Penso que Sodré (2002, p.25) induz o leitor a crer que o desprezo pela esfera dos negócios em Aristóteles tem algo de “resistência à brutalização” inerente a essa dimensão da vida humana. Contudo, sabemos que Aristóteles vivia numa sociedade aristocrática onde escravos cuidavam das atividades manuais e os filósofos dirigiam-se às elites. Em tais circunstâncias históricas, compreende-se porque Aristóteles elegeu os prazeres, a contemplação e a política como os três modos exemplares de vida dos homens. Vale complementar que Aristóteles refere-se à “vida consagrada ao ganho” como útil mas que, por si mesma, não oferece um fim, mas, ao contrário, um meio a ser empregado “no interesse de outra coisa” (Aristóteles, 1979, 52:1096a).

<sup>10</sup> Sodré define “a vinculação entre o eu e o outro, seja considerado do ponto de vista do indivíduo, seja do coletivo” como o objeto, o núcleo teórico de investigação da Comunicação (Sodré, 2002, p.71). Da mesma forma, em (Sodré, 2001, p.223) vinculação apresenta-se como “o ser-em-comum (individual ou coletivo), seja sob a forma da luta social por hegemonia... seja sob a forma do empenho ético”. O estabelecimento da vinculação como objeto da Comunicação, afasta Sodré de uma abordagem “midiocêntrica” que foca nos dispositivos ao invés das mediações.

<sup>11</sup> O termo admite duas vocalizações e correspondentes significados distintos, no grego: *éthos*, referindo-se a costumes ou hábitos; *éthos* significando caráter, índole (Chauí, 2002, p.500). Ambas as acepções aplicam-se bem no presente contexto.

## REFERÊNCIAS

ACHTENBERG, Deborah. “The Role of the *Ergon* Argument in Aristotle’s *Nicomachean Ethics*”. In *Ancient Philosophy*, Vol. IX, N°.1, pp.37-47, Mathesis Publications, 1989.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos Meios às Mediações** – Comunicação, Cultura e Hegemonia, 2ª edição, Editora UFRJ, 2003.

BITTAR, Eduardo. **Curso de Filosofia Aristotélica** – Leitura e Interpretação do Pensamento Aristotélico, Editora Manole, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia** – Dos Pré-Socráticos a Aristóteles, 2ª edição, Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Convite à Filosofia**, 13ª edição, Editora Ática, 2004.

DUMONT, Jean-Paul. **Elementos de História da Filosofia Antiga**. Trad. Georgete Rodrigues, Editora UnB, 2004.

EAGLETON, Terry. **Ideologia** – Uma Introdução. Trad. Luís Carlos Borges e Silvana Vieira, Boitempo Editorial e Editora Unesp, 1997.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**, Os Pensadores - Aristóteles (II). Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Editora Abril, 1979. *As referências ao texto contidas neste artigo, seguem o padrão: (1979, <nº da página da tradução:parágrafo do original>).*

\_\_\_\_\_. *Nicomachean Ethics*. Translated by W. D. Ross, Batoche Books, 1999.

KEYT, David. “The Meaning of *BIOS* in Aristotle’s *Ethics* and *Politics*”. In *Ancient Philosophy*, Vol. IX, N°.1, pp.15-21, Mathesis Publications, 1989.

HOBUSS, João. “Eudaimonia e Auto-Suficiência em Aristóteles”, versão on-line, **Coleção Dissertatio Filosofia**, UFPel, 2004.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**, Volume II. Trad. Henrique de Lima Vaz e Marcelo Perine, 2ª edição, Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. “Bios Midiático: Um Novo Sistema Conceitual no Campo da Comunicação”. In: **Contribuições Brasileiras ao Pensamento Comunicacional Latino-Americano**, pp.71-75, Unesco e Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho**, Editora Vozes, 2002.

TUGENDHAT, Ernst. “A *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles: as dificuldades do ponto de partida”. In **Lições sobre Ética**. Trad. Fernando Pio Almeida Flack, 5ª edição, Editora Vozes, 2003.